

Exhortação da Guerra.

## FIGURAS.

HUM CLERIGO.

ZEBRON )  
DANOR ) Diabos.

POLICENA.

PANTASILEA.

ACHILLES.

ANNIBAL.

HEITOR.

SCIPIÃO.

---

*A tragicomedia seguinte seu nome he Exhortação da guerra. Foi representada ao muito alto e nobre Rei D. Manuel o primeiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Lisboa na partida para Azamor do illustre e mui magnifico Senhor D. Gemes Duque de Bragança e de Guimarães na era de 1513.*

## EXHORTAÇÃO DA GUERRA.

---

*Entra primeiramente um Clerigo nigromante e diz:*

CLERIGO.

Famosos e esclarecidos  
Principes mui preciosos,  
Na terra victoriosos,  
E no ceo muito queridos,  
Sou Clerigo natural  
De Portugal,  
Venho da cova Sibyla,  
Onde se esmera e estilla  
A subtileza infernal.

E venho mui copioso  
Magico e nigromante,  
Feiticeiro mui galante,  
Astrologo bem avondoso :  
Tantas artes diabris  
Saber quiz,  
Que o mais forte diabo  
Darei preso pelo rabo  
Ao Iffante Dom Luiz.

Sei modos d'encantamentos,  
Quaes nunca soube ninguem ;  
Artes pera querer bem,  
Remedios a pensamentos :  
Farei de hum coração duro  
Mais que muro,  
Como brando leituaire ;  
E farei polo contrairo  
Que seja sempre seguro.

Sou mui grande encantador,  
Faço grandes maravilhas,  
As diabolicas sillas  
São todas a meu favor.  
Farei cousas impossiveis,  
Mui terriveis,  
Milagres mui evidentes,  
Que he pera pasmar as gentes,  
Visiveis e invisiveis.

Farei que huma Dama esquivá,  
Por mais çafara que seja,  
Quando o galante a veja,  
Que ella folgue de ser viva :  
Farei a dous namorados  
Mui penados,  
Que estem cada hum per si ;  
E cousas farei aqui  
Que estareis maravilhados.

Farei por meio vintem,  
Que hũa Dama muito feia,  
Que de noite sem candeia  
Não pareça mal nem bem ;  
E outra fêrmosa e bella  
Como estrellá,  
Farei por sino forçado,  
Que qualquer homem honrado  
Não lhe pesasse com ella.

Far-vos-hei mais pera verdes,  
Por esconjuro perfeito,  
Que caseis todos a oito  
O melhor que vós puderdes.  
E farei de noite dia  
Per pura nigromancia,  
Se o sol alumiar :  
E farei ir polo ar  
Todo a van fantasia.

Far-vos-hei todos dormir  
Emquanto o somno vos durar,  
E far-vos-hei acordar  
Sem a terra vos sentir.  
E farei hum namorado  
Bem penado,  
Se amar bem de verdade,  
Que lhe dure essa vontade  
Até ter outro cuidado.

Far-vos-hei que desejeis  
Cousas que estão por fazer,  
E far-vos-hei receber  
Na hora que vos desposeis.  
E farei que esta cidade  
Estê pedra sôbre pedra ;  
E farei que quem não medra  
Nunca tem prosperidade.

Farei per magicas rasas  
Chuvas tão desatinadas,  
Que estem as telhas deitadas

Pelos telhados das casas :  
E farei a torre da Sé,  
Assi grande como he,  
Per graça de sua clima,  
Que tenha o alicesse ao pé,  
E as ameas em cima.

Não me quero mais gabar.  
Nome de San Cebrian  
Esconjuro-te Satan —  
Senhores não espantar.  
Zet zeberet zerregud zebet  
O' filui soter  
Rehe zezegot relinzet  
O' filui soter.

O chaves das profundezas,  
Abri os poros da terra ;  
Principe da eterna treva,  
Pareção tuas grandezas.  
Conjuro-te, Satanás,  
Onde estás,  
Polo bafo dos dragões,  
Pola ira dos leões,  
Polo valle de Jurafás ;

Polo fumo peçonhento  
Que sae da tua cadeira,  
E pola ardente fogueira,  
Polo lago do tormento,  
Esconjuro-te, Satan,  
De coração  
Zezegot seluece soter,  
Conjuro-te, Lucifér,  
Que ouças minha oração.

Polas nevoas ardentes  
Que estão nas tuas moradas,  
Polas poças povoâdas  
De viboras e serpentes,  
E polo amargo tormento,  
Mui sem tento,  
Que dás aos encarcerados ;  
Polos gritos dos damnados,  
Que nunca cessão momento :

Conjuro-te, Berzebu,  
Pola cegueidade hebraica,  
E pola malicia judaica,  
Com a qual te alegras tu,  
Rezé put Lintesar

Zamzorep tisal  
Lisó fé nafezeri.

*Vem os diabos Zebron e Danor, e diz*

ZEBRON.

Que has tu, excommungado ?

CLE. O' irmãos, venhais embora.

DAN. Que nos queres tu agora ?

CLE. Que me façais hum mandado.

ZEB. Polo altar de Satan,  
Dom villão.

DAN. Toma-lo por essas gadelhas,  
E cortemos-lhe as orelhas,  
Que este clerigo he ladrão.

CLERIGO.

Manos, não me façais mal,  
Compadres, primos, amigos.

ZEB. Não te temos em dous figos.

CLE. Como vai a Belial ?

Sua côrte está em paz ?

DAN. Dá-lhe aramá hum bofete :  
Crismemos este rapaz,  
E chamemos-lhe zobete. .

CLERIGO.

Ora fалlemos de siso :  
Estais todos de saude ?

ZEB. Fideputa, meio almude,  
Que tens tu de ver com isso ?

CLE. Minhas potencia relaxo,  
E me abaxo :

Fallae-me d'outra maneira.

DAN. Sois Bispo vós da Landeira,  
Ou vigairo no Cartaxo ?

ZEBRON.

He Cura do Lumear,  
Sochantre da Mealhada,  
Acipreste de canada,  
Bebe sem desfolegar.

DAN. He capellão terrantez,  
Bom Ingrez,  
Patriarcha em Ribatejo,  
Beberá sôbre hum cangrejo  
As guelas d'hum Francez.

ZEBRON.

Danor, di-me, he Cardial  
D'Arruda ou de Caparica ?

DAN. Nenhũa cousa lhe fica  
Senão sempre o vaso tal.  
Tem hum grande Arcebispado  
Muito honrado,  
Junto da pedra da estrema,  
Onde põe o diadema  
E a mitra o tal prelado.

ZEBRON.

Ladrão, sabes o Seixal  
E Almada e pereli ?  
O' fideputa alfaqui,  
Albardeiro do Tojal !

CLE. Diabos, quereis fazer  
O que eu quizer,  
Per bem, ou de outra feição ?

DAN. O' fideputa ladrão,  
Havemos-te de obedecer.

CLERIGO.

Ora eu vos mando e remando  
Polas virtudes dos Ceos,  
Pola potencia de Deos,  
Em cujo serviço ando ;  
Conjuro-vos da sua parte,  
Sem mais arte,  
Que façais o qu'eu mandar  
Pola terra e polo ar,  
Aqui e em toda a parte.

ZEBRON.

Como te vai com as terças ?  
He vivo aquelle alifante  
Que foi a Roma tão galante ?

DAN. Amargão-te a ti estas verças ?

CLE. Esconjuro-te, Danor,  
Por amor de San Paulo  
E de San Polo.

ZEB. Tu não tens nenhum miolo.

CLE. Eu vos farei vir a dor.

Por esta madre de Deos  
De tão alta dignidade,  
E pela sua humildade,  
Com que abrio os altos ceos,

Polas veias virginaes  
Imperiaes,  
De que Christo foi humanado . . .  
ZEB. Que queres, excommungado ?  
Manda-nos, não digas mais.

CLERIGO.  
Minha mercê manda e ordena  
Que tragais logo essas horas  
Diante destas Senhoras  
A Troiana Policena,  
Muito bem ataviada  
E concertada,  
Assi linda como era.  
DAN. Quanta pancada te dera,  
Se pudera ;  
Mas tens-me a fôrça quebrada.

CLERIGO.  
Venha por mar ou por terra,  
Logo muito sem referta.  
ZEB. E a terça da offerta  
Tambem pagas pera a guerra ?  
CLE. Trazei logo a Policena  
Mui sem pena  
Com sua festa diante.  
ZEB. Inda irá outro alifante,  
Pagarás quarto e vintena.

*Vem Policena e diz :*

POLICENA.  
Eu que venho aqui fazer ?  
Oh que gran pena me déstes,  
Pois por fôrça me trouxestes  
A hum novo padecer.  
Que quem vive sem ventura  
Em gran tristura,  
Ver prazeres lhe he mais morte.  
Oh bellenissima côrte,  
Senhora da formosura !  
Não foi o Paço Troiano  
Dino de vosso primor :  
Vejo hum Priamo maior,  
Hum Cesar mui soberano ;  
Outra Hecuba mais alta,  
Mui sem falta,  
Em pod'rosa, doce e humana,



A quem por Phebo e Diana  
Cada vez Deos mais esmalta.

E vós, Príncipe excellente,  
Dae-me alviçaras liberaes,  
Que vossas mostras são taes,  
Que todo o mundo he contente.  
E aos Planetas dos Ceos  
Mandou Deos

Que vos dessem taes favores,  
Que em grandeza sejais vós  
Prima dos antecessores.

Por vós mui fermosa flor,  
Iffante Dona Isabel,  
Forão juntos em tropel,  
Por mandado do Senhor,  
O ceo e sua companhia,  
E julgou Jupiter juiz  
Que fosseis Imperatriz  
De Castella e Alemanha.

Senhor Iffante Dom Fernando,  
Vosso sino he de prudencia,  
Mercurio per excellencia  
Favorece vosso bando.  
Sereis rico e prosperado  
E descansado,  
Sem cuidado e sem fadiga,  
E sem guerra e sem briga ;  
Isto vos está guardado.

Iffante Dona Beatriz,  
Vós sois dos sinos julgada  
Que haveis de ser casada  
Nas partes de flor de lis.  
Mais bem do que vós cuidais,  
Muito mais,  
Vos tem o mundo guardado ;  
Perdei, Senhores, cuidado.  
Pois com Deos tanto privais.

CLERIGO.

Que dezeis vós destas rosas,  
Deste val de fermosura ?

POL. Tal fôra minha ventura  
Como ellas são de fermosas.  
Oh que côrte tão luzida,  
E guarnecida  
De lindezas pera olhar ?

Quem me pudera ficar  
Nesta gloriosa vida !

DANOR.

Nesta vida ! lá acharás.

POL. Quem me trouxe a este fado ?

DAN. Esse zote excommungado  
Te trouxe aqui onde estás :  
Pergunta-lhe que te quer,  
Pera ver.

POL. Homem, a que me trouxeste ?

CLE. Que ? ainda agora vieste,  
E has-de-me responder !

Declara a estes senhores,  
Pois foste d'amor ferida,  
Qual achaste nesta vida  
Que he a mor dor das dores  
E se as penas infernaes  
Se são ás do amor iguaes,  
Ou se dão lá mais tormentos  
Dos que ca dão pensamentos  
E as penas que nos dais.

POLICENA.

Muito triste padecer  
No inferno sinto eu,  
Mas a dor que o amor me deu  
Nunca a mais pude esquecer.

CLE. Que manhas, que gentileza  
Ha de ter o bom galante ?

POL. A primeira he ser constante,  
Fundado todo em firmeza ;

Nobre, secreto, calado,  
Soffrido em ser desdenhado,  
Sempre aberto o coração  
Pera receber paixão,  
Mas não pera ser mudado.  
Ha de ser mui liberal,  
Todo fundado em franqueza :  
Esta he a mor gentileza  
Do amante natural.

Porque he tão desviada  
Ser o escasso namorado,  
Como estar fogo em geadas,  
Ou hũa cousa pintada  
Ser o mesmo incorporado.  
Ha de ser o seu comer  
Dous bocados suspirando,

E dormir meio velando,  
Sem de todo adormecer.

Ha de ter mui doces modos,  
Humano, cortez a todos,  
Servir sem esperar della ;  
Que quem ama com cautela  
Não segue a tenção dos Godos.

CLE. Qual he a cousa principal  
Porque deve ser amado ?

POL. Que seja mui esforçado :  
Isto he o que mais lhe val.

Porque hum velho idoso,  
Feio e muito socegado,  
Se na guerra tem boa fama,  
Com a mais fermosa dama  
Merece de ser ditoso.

Senhores Guerreiros guerreiros,  
E vós Senhoras guerreiras,  
Bandeiras e não gorgueiras  
Lavrae pera os cavalleiros.  
Que assi nas guerras Troianas  
Eu mesma e minhas irmans  
Teciamos os estandartes,  
Bordados de todas partes  
Com divisas mui louçans.

Com cantares e alegrias  
Davamos nossos collares,  
E nossas joias a pares  
Per essas capitánias.  
Renegae dos desfiados,  
E dos pontes enlevados :  
Destrua-se aquella terra  
Dos perros arrenegados.

Oh quem vio Pantasilea  
Com quarenta mil donzellas  
Armadas como as estrellas  
No campo de Palomea !

CLE. Venha aqui ; trazei-m'a ca.

ZEB. Deixa-nos ieramá.

CLE. Ora sus, qu'estais fazendo ?

DAN. O' diabo qu'eu t'encommendo  
E quem tal poder te dá !

*Entra Pantasilea e diz :*

PANTASILEA.

Que quereis a esta chorosa  
Rainha Pantasilea,

A penada, triste, e fea  
Pera côrte tão fermosa ?  
Porque me quereis vós ver  
Diante vosso poder,  
Rei das grandes maravilhas,  
Que com pequenas quadrilhas  
Venceis quem quereis vencer ?

Se eu, Senhor, fôrra me vira,  
Do inferno solta agora,  
E fôra de mi senhora ;  
Meu Senhor, eu vos servira.  
Empregára bem meus dias  
Em vossas capitánias,  
E minha frecha dourada  
Fôra bem aventurada,  
E não nas guerras vazias.

Oh famoso Portugal,  
Conhece teu bem profundo,  
Pois até ó pólo segundo  
Chega o teu poder real.  
Avante, avante, Senhores,  
Pois que com grandes favores  
Todo o ceo vos favorece :  
ElRei de Fez esmorece,  
E Marrocos dá clamores.

Oh ! deixae de edificar  
Tantas camaras dobradas,  
Mui pintadas e douradas,  
Que he gastar sem prestar.  
Alabardas, alabardas !  
Espingardas, espingardas !  
Não queirais ser Genoezes,  
Senão muito Portuguezes,  
E morar em casas pardas.

Cobrae fama de ferozes,  
Não de ricos, qu'he p'rigosa ;  
Dourae a patria vossa  
Com mais nozes que as vozes.  
Avante, avante, Lisboa !  
Que por todo o mundo soa  
Tua próspera fortuna :  
Pois que fortuna t'enfuna,  
Faze sempre de pessoa.

Achilles, que foi daqui  
De perto desta cidade,  
Chamae-o dirá a verdade,  
Se não quereis crer a mi.

CLE. Ora sus, sus, digo eu.  
ZEB. Este clérigo he sandeu :  
Onde estou, que o não crismo !  
O' fideputa judeu,  
Queres vazar o abismo ?

*Vem Achilles, e diz :*

ACHILLES.

Quando Jupiter estava  
Em toda sua fortaleza,  
E seu gran poder reinava,  
E seu braço dominava  
Os cursos da natureza ;  
Quando Martes influa  
Seus raios de vencimento,  
E suas fôrças repartia ;  
Quando Saturno dormia  
Com todo seu firmamento ;  
E quando o Sol mais luzia,  
E seus raios apurava,  
E a Lua apparecia  
Mais clara que o meio dia ;  
E quando Venus cantava,  
E quando Mercurio estava  
Mais prompto em dar sapiencia ;  
E quando o Ceo se alegrava,  
E o mar mais manso estava,  
E os ventos em clemencia ;  
E quando os sinos estavam  
Com mais gloria e alegria,  
E os pólos s'enfeitavam,  
E as nuvens se tiravam  
E a luz resplandecia ;  
E quando a alegria véra  
Foi em todas naturezas :  
Nesse dia, mez e era,  
Quando tudo isto era,  
Nascêrão Vossas Altezas.  
Eu Achilles fui creado  
Nesta terra muitos dias,  
E sam bem aventurado  
Ver este reino exalçado  
E honrado per tantas vias.  
O' nobres seus naturaes,  
Por Deos não vos descuideis ;  
Lembre-vos que triumphais :

O' prelados, não dormais,  
Clerigos, não murmureis.  
Quando Roma a todas velas  
Conquistava toda a terra,  
Todas donas e donzellas  
Davão suas joias bellas  
Pera manter os da guerra.  
O' pastores da Igreja,  
Moura a seita de Mafoma,  
Ajudae a tal peleja,  
Que açoutados vos veja  
Sem apellar para Roma.

Deveis de vender as taças,  
Empenhar os breviairos,  
Fazer vasos das cabeças,  
E comer pão e rabaças,  
Por vencer vossos contrairos.

ZEB. Assi, assi, aramá :

Dom Zote, que te parece ?

CLE. E a mi que se me dá ?

Quem de seu renda não ha  
As terças pouco lhe impece.

ACHILLES.

Se viesse aqui Annibal  
E Heitor e Scipião,  
Vereis o que vos dirão  
Das cousas de Portugal  
Com verdade e com razão.

CLE. Sus, Danor, e tu Zebrão,  
Venhão todos tres aqui.

DAN. Fideputa, rapaz, cão,  
Perro, clerigo, ladrão !

ZEB. Mao pezar veja eu de ti.

*Vem Annibal, Heitor, Scipião, e diç*

ANNIBAL.

Que cousa tão escusada  
He agora aqui Annibal,  
Que vossa côrte he afamada  
Per todo o mundo em geral.

HEL. Nem Heitor não faz mister,

SCI. Nem tampouco Scipião.

ANN. Deveis, Senhores, esperar  
Em Deos que vos ha de dar  
Toda Africa na vossa mão.

Africa foi de Christãos,  
Mouros vo-la tem roubada.

Capitães ponde-lh'as mãos,  
Que vós vereis mais louções  
Com famosa nomeada.  
O' Senhoras Portuguezas,  
Gastae pedras preciosas,  
Donas, Donzellas, Duquezas,  
Que as taes guerras e emprezas  
São propriamente vossas.

He guerra de devação,  
Por honra de vossa terra,  
Commettida com razão,  
Formada com discrição  
Contra aquella gente perra.  
Fazei contas de bugalhos,  
E perlas de camarinhas,  
Firmaes de cabeças d'alhos ;  
Isto si, Senhoras minhas,  
E esses que tendes dae-lh'os.

Oh ! que não honrão vestidos,  
Nem mui ricos atavios,  
Mas os feitos nobrecidos ;  
Não briaes d'ouro tecidos  
Com trepas de desvarios :  
Dae-os pera capacetes.  
E vós, Priores honrados,  
Reparti os Priorados  
A Suiços e soldados,  
*Et centum pro uno accipietis.*

A renda que apanhais  
O melhor que vós podeis,  
Nas igrejas não gastais,  
Aos pobres pouco dais.  
E não sei que lhe fazeis.  
Dae a terça do que houverdes,  
Pera Africa conquistar,  
Com mais prazer que puderdes ;  
Que quanto menos tiverdes,  
Menos tereis que guardar.

O' senhores cidadãos,  
Fidalgos e Regedores,  
Escutae os atambores  
Com ouvidos de christãos.  
E a gente popular  
Avante ! não recusar.  
Ponde a vida e a fazenda,  
Porque para tal contenda  
Ninguem deve recear.

*Todas estas figuras se ordenarão em caracol, e a vozes cantarão e representarão o que se segue cantando*

*Todos.*

« Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANN. Avante ! avante ! Senhores !

Que na guerra com razão

Anda Deos por capitão.

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANN. Guerra, guerra, todo estado !

Guerra, guerra mui cruel !

Que o gran Rei Dom Manuel

Contra Mouros está irado.

Tem promettido e jurado .

Dentro no seu coração

Que poucos lh'escaparão

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANNIBAL.

Sua Alteza dêtermina

Por acrescentar a fé,

Fazer da mesquita Sé

Em Fez por graça divina.

Guerra, guerra mui continua

He sua grande tenção.

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANNIBAL.

Este Rei tão excellente,

Muito bem afortunado.

Tem o mundo rodeado

Do Oriente ao Ponente :

Deos mui alto, omnipotente,

O seu real coração

Tem posto na sua mão.

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

*E com esta soïça se sahirão, e feneceo a susodita tragicomedia.*